

Em ritual solene, pedido de apoio

por José Cosado
de Brasília

Foi um golpe político, de grave importância para a história do País e para o futuro das relações econômicas internacionais. O presidente da República, José Sarney, expôs à Nação uma ameaça externa à estabilidade do seu governo e do regime democrático, convocando o povo e a elite, o capital e o trabalho, a uma absoluta unidade "em torno dessa luta".

Os credores estrangeiros tiveram uma demonstração pública, num solene ritual, da explícita solidariedade dos partidos políticos, da fina sintonia dos poderes constituídos, com o aval dos chefes militares.

Foi um golpe planejado, maturado e articulado ao longo dos últimos dezoito meses, desde que Sarney decidiu ir à Organização das Nações Unidas (ONU), em 1985, advertir os governos industrializados que considerava a dívida, com o seu custo social, "uma conta que se paga com a democracia".

Na reunião do Conselho de Segurança Nacional, o presidente, os ministros civis, comandantes militares e chefes do Legislativo e do Judiciário votaram a suspensão dos pagamentos. O discurso do presidente foi montado de forma a deixar claros recados. Aos credores, indicando que a disposição é de negociar, com a condição de não comprometer o objetivo do crescimento econômico. Ao povo, mostrando que a saída de capitais, no ritmo atual, é a causa básica da miséria nacional. Ao Congresso, apontando o risco de desestabilização política do País, com riscos óbvios ao regime democrático.

Por fim, aos governos dos países industrializados. A suspensão foi cronometrada para ocorrer na véspera da reunião de cúpula das sete maiores potências industriais, neste fim de semana. O objetivo é levar o governo dos Estados Unidos a tratar a dívida brasileira como uma questão de Estado das mais cruciais ao futuro do Ocidente. Agora, como disse Sarney, no seu discurso, "é necessário tempo".